

## Espectador de uma vida: entrevista com Contardo Calligaris

Tiago Sanches Nogueira\*

**Contardo Calligaris é um psicanalista italiano radicado no Brasil** que, além de oferecer importantes contribuições ao seu campo, também é escritor e dramaturgo. Autor teatral, escreveu os romances *O conto do amor* (Companhia das Letras, 2008) e *A mulher de vermelho e branco* (Companhia das Letras, 2011). Calligaris é roteirista do seriado *Psi* – produzido pela HBO –, que retrata as aventuras do psicanalista protagonista de seus livros. Indicada ao Emmy 2015 nas categorias de melhor série dramática e melhor ator (Emílio de Mello), a série *Psi* tem sido bastante elogiada, já que recoloca a imagem do psicanalista no lugar de um aventureiro que embarca verdadeiramente nas histórias de seus pacientes, dentro e fora do consultório. Na presente entrevista, Contardo Calligaris conta um pouco de seu percurso até chegar ao lugar de escritor, dramaturgo e roteirista, mostrando como é o seu trabalho, bem como os caminhos que o trouxeram até aqui.

De forma muito amistosa e solícita, Calligaris me recebeu em seu consultório. O interesse inicial era escutá-lo a partir de seu lugar de psicanalista-artista e bastaram apenas três perguntas para produzir o material desta interessante entrevista. Na época ele estava iniciando a escrita da segunda temporada do seriado *Psi*, e por isso foi possível falar tanto de sua história com a escrita quanto do processo de criação que ali estava germinando. Conversamos previamente, de maneira informal e agradável, sobre alguns

---

\* Psicanalista, músico-compositor, doutorando em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo (USP), mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Autor do livro *Ensaio sobre um infinito: música e psicanálise* (Ed. Zagodoni) e do álbum musical *Esgritos: romance de formação* (Tratore). E-mail: tiagosanchesnogueira@gmail.com.

de nossos interesses em comum no campo das artes. Também falamos sobre alguns autores que articulavam arte e psicanálise em suas produções teóricas. A partir daí, nesse clima amistoso e receptivo, iniciamos nossa entrevista.

## Entrevista

### O início

**Tiago Sanches Nogueira** – Gostaria que você me falasse de seu processo de formação como artista e de como ele se deu.

**Contardo Calligaris** – Primeiro, eu não sei se isso é uma regra, mas enfim, eu me destinava prioritariamente a duas carreiras. Duas tentativas de profissões que eram, sem dúvida, muito diferentes da psicanálise, e que ambas eram criativas. Eu queria ser romancista e queria ser fotógrafo muito cedo. Acabei vivendo das duas profissões durante um certo tempo, porque eu fui fotógrafo, mas na verdade passava as noites imprimindo fotografia de imprensa para a agência nacional de imprensa italiana, e os dias traduzindo os romances policiais do inglês e do americano, mais exatamente, para o italiano. Era uma maneira de escrever de alguma forma.

Na verdade, se não tivesse acontecido uma espécie de intervenção brutal dos meus pais, que quiseram, absolutamente, que eu fizesse uma faculdade (eu já era casado, minha mulher era atriz e modelo, eu trabalhava com isso, fazia essas coisas que acabei de dizer, mas ganhava minha vida). Enfim, o desejo dos meus pais que eu passasse por uma faculdade foi muito forte, muito grande. Devo ter imaginado, quase certamente, que eu poderia ir para a faculdade, ficar quatro anos e que sairia de lá impunemente, ou seja, voltado para as coisas que me interessavam, mas não foi o caso. Ou seja, aquilo me transformou.

Fui para a faculdade, me instalei na Suíça, saí da faculdade, comecei uma análise, aí me chamaram para ser assistente no departamento de línguas mediterrâneas eslavas. Fiz ao mesmo tempo psicologia, letras e filosofia; comecei a ensinar teoria da literatura e a escrever, do lado do jornalismo para o *Cotidiano Italiano* (órgão do partido comunista). Então quando a faculdade acabou, eu estava mais a fim de continuar estudando do que de escrever ficção. Embora eu saí de lá muito interessado pela psicanálise que eu estava

fazendo (me interessava pela minha psicanálise), saí da faculdade e fui fazer uma pós-graduação e um doutorado com Roland Barthes.<sup>1</sup>

O pequeno seminário de Barthes<sup>2</sup> era um seminário só para os quatorze, quinze, vinte orientandos dele. Era um espaço misturado, como tudo na produção do próprio Barthes, onde se praticava muito o que ele chamava de *l'écriture*, ou seja, a “escrevência” – que não é nem a escritura (que seria dignamente literária), nem o que seria a escrita ensaística acadêmica tradicional. Se praticava um negócio vagamente no meio. Aliás, de alguma forma isso ficou comigo. Eu voltei a isso vindo ao Brasil, muito mais do que consegui fazer antes na vida. Bom, tudo isso para dizer que no fundo tinha ambições de escrita que eram também literárias. Abandonei a fotografia, isso sim, depois de algumas tentativas, até porque me dei conta que não conseguia, na fotografia jornalística em especial, fotografar coisas realmente horríveis. Tinha dificuldades subjetivas quanto a isso. Então, continuei escrevendo muito, mas acadêmica e jornalisticamente.

Agora, academicamente é um jeito de falar, porque entrei na escola freudiana e a formação analítica se tornou uma coisa mais importante. Escrevi vários livros, em francês, italiano etc. Eram ensaios, mas certamente uma dimensão literária não era ausente. A produção dos psicanalistas geralmente – a não ser que sejam muito chatos, e mesmo quando são muito chatos – inclui uma certa ambição literária. Certamente Freud tinha uma enorme. Sem isso não teria produzido tamanho de obra que ele produziu, tamanho de epistolário que ele produziu, e também escrevendo admiravelmente. Lacan<sup>3</sup> teria sido um sujeito totalmente diferente.

Lacan visivelmente é alguém que nunca é interessado realmente pelo simples propósito de transmitir uma ideia. Ele estava muito interessado pelo seu próprio estilo, ao qual ele não renuncia, mesmo que isso torne o que ele tem para dizer eventualmente enigmático ou pouco claro – coisa que ele não teria

---

1 Roland Barthes foi um importante escritor, sociólogo, crítico literário, semiólogo e filósofo francês.

2 Na École Pratique des Hautes Études de Paris, cada diretor de tese oferecia um seminário fechado para seus orientandos. No *petit séminaire* de Barthes, que acontecia todos os anos, discutiam-se semanalmente ou quinzenalmente os projetos dos alunos. Contardo Calligaris frequentou esse grupo de 1972 até a entrada de Barthes no Collège de France, em 1977.

3 Jacques Lacan foi um psicanalista francês inovador que promoveu um importante movimento denominado “retorno a Freud”. Contardo frequentou as chamadas “apresentações de paciente” de Lacan na década de 1970, nas quais o psicanalista entrevistava pacientes psicóticos diante de um público seletor. Dentre os vários motivos para se fazer isso, destaca-se a ideia de compartilhamento do delírio, que torna a prática muito mais clínica do que pedagógica ou teatral.

gostado que dissesse, pois ele achava que era, sem dúvida, cristalino [risos]. Sem contar que as suas fontes de inspiração no campo da literatura, o número de amigos, pacientes e próximos no campo da literatura, foram enormes. A psicanálise sempre teve uma relação privilegiada com a produção literária – digo no caso, mas poderíamos falar também da pintura ou de qualquer outra arte. Então não estou muito preocupado em imaginar o que é ou qual deveria, ou poderia, ser a fronteira entre a psicanálise e a ambição de expressão artística.

Você fez menção, antes de começarmos aqui, a Alain Didier-Weill,<sup>4</sup> que, além de ter escrito sobre música e ser um músico (com ambições talvez maiores do que sua técnica, mas absolutamente obstinado)... mas também é um dramaturgo, escritor de várias peças de teatro, algumas muito divertidas, e, claro, relacionado de alguma forma com a psicanálise. Relacionado com a psicanálise porque a partir do momento em que você exerce a psicanálise e passa nove, dez horas por dia escutando e interpretando, isso obviamente molda a sua experiência do mundo, então vai moldar também a sua expressão. No caso da literatura é mais fácil, porque, enfim, o caso de qualquer narrativa é mais facilmente moldado pela experiência do sujeito. Claro que se você é compositor de música também será, mas de uma maneira muito menos óbvia para quem usufrui da sua obra.

## O trabalho com a ficção

**TSN** – Mas como foi a concepção de seus dois livros de ficção?

**CG** – Concebi minhas duas obras de ficção<sup>5</sup> muito tarde. Deste ponto de vista, eu considero que os dois romances foram o que eu consegui fazer depois de um longo desvio. Eu considero que a universidade me desviou do que eu queria fazer e me levou para a psicanálise, mudou a minha vida, a minha maneira de ver o mundo, e certamente me enriqueceu – uma conta totalmente positiva. Enriqueceu a minha experiência do mundo, sem dúvida, embora alguém poderia dizer que se eu tivesse praticado a literatura sem parar, a partir daquela época, a partir dos 19 anos, talvez tivesse enriquecido a minha experiência da mesma forma.

---

4 Alain Didier-Weill é um conhecido psicanalista francês que escreve sobre arte e psicanálise.

5 *O conto do amor e A mulher de vermelho e branco*, ambos publicados pela Companhia das Letras.

Já no seriado é diferente. A linguagem no seriado é diferente, mas eu gosto de contar uma boa história. Isso vale para os romances e certamente vale para o seriado. Que eu consiga ou não é uma outra história, mas é o que eu quero fazer: contar uma boa história. Então não tenho, já tive, mas Barthes me curou disso, de uma simpatia pelo experimental que ele não tinha. Fazia de conta, eventualmente, mas o que ele gostava de ler era Chateaubriand e Balzac.

Você chegava no seminário de Barthes e encontrava com a nata da inteligência vanguardista. Aí você aprendia que poderia perfeitamente dizer que gostava de romances policiais e que achava os romances clássicos chatos para cacete, e ninguém achava isso bizarro. Então era uma cura radical. Era, por exemplo, uma cura – digo no sentido de entender que você podia gostar de coisas propriamente pop. Não havia nenhuma vergonha nisso. Que podia gostar de um filme de Spielberg, que não era obrigado a gostar só dos filmes cabeça. Aliás, você poderia achar estes filmes chatos que ninguém ia olhar para você como se você fosse um doente mental ou tivesse que ser excluído. Não tinha nada disso, ao contrário.

Então a minha produção literária vai nessa veia. Eu gosto de contar uma história, eu gosto que ela seja contada narrativamente de uma maneira palatável. Me importa isso, me interessa, eu escrevo levando em conta o leitor. Não porque eu queira lhe dizer alguma coisa, mas sim porque quero seduzi-lo. Seduzi-lo no sentido originário da palavra, que é levá-lo pela mão comigo para lhe fazer viver esse percurso, lhe permitir viver este percurso. Certo que o seriado é uma outra linguagem, mas o que me fascinou absolutamente foi o fato de que você escreve, a grosso modo – mesmo com o meu parceiro, que é meu roteirista, que é o Tiago Dottori –, as treze histórias de cada temporada (estou no meio da segunda), elas são escritas mais ou menos em um ano, ou seja, é muito mais do que você faria em um romance. Na verdade, você escreve setecentas e cinquenta páginas de roteiro em um ano. São na verdade treze longas, só que abreviados em uma hora. Na verdade são treze histórias independentes.

## Sobre o tempo de escrever

**TSN** – Mas o seu trabalho com a psicanálise não teve que ser reduzido?

**CG** – Eu sempre escrevi nas horas livres. Eu durmo pouco, eu passo o fim de semana escrevendo e também todas as minhas férias. Para mim, sair de férias

é sair para escrever e só isso. Também eu viajei tanto pelo mundo que praticamente não tenho muitos lugares para visitar. Então ir para Veneza, para o sul da França ou para Nova Iorque (são lugares que eu conheço muito bem) e me fechar num apartamento para escrever é o que realmente defino como férias. Vou agora na sexta-feira para acabar a segunda temporada. Vou passar quinze dias na ex-casa de meus pais (que agora é minha) em Veneza. Eu não faço mais nada lá além de escrever e ver o homem da loja de secos e molhados que me vendia mortadela quando eu era criança. O homem ainda é o mesmo, apesar da mortadela ter melhorado.

Eu trabalho rápido, sobretudo quando a coisa está concebida. E o luxo do seriado é que, claro, o que você escreve não tem a mesma “dignidade literária” que um romance, mas você consegue em um ano (não tem como escrever um romance, mesmo que seja de duzentas páginas, em menos de um ano) escrever, na verdade, treze histórias. Do ponto de vista das invenções dos *plots* e da armação narrativa, nada dá tanto prazer como um seriado. Porque você tem, realmente, não uma história para fazer um filme, mas você escreve uma série de situações de um personagem que, para quem gosta de contar, é um negócio incrivelmente divertido. Divertido e ao mesmo tempo trabalhoso, é claro. Bom, não conheço diversões que não sejam trabalhosas. Tudo é trabalhoso, até transar é trabalhoso.

Claro que teve um aspecto obviamente técnico que você aprende se inscrevendo em programas específicos só para aquilo. Existe uma quantidade de livros e companhia enorme sobre o assunto. Nessa altura eu me sinto um velho, pois se você já escreveu treze roteiros, você já escreveu mais roteiros do que a média dos roteiristas brasileiros. E existe uma coisa bizarra no Brasil – ou melhor, tinha, porque agora temos cada vez menos: roteiristas improvisados, ou seja, que iam na inspiração, que não tinham passado por nenhum tipo de processo formal, que são aquelas coisas que são mínimas, mas que não são tão mínimas assim – você precisa de um desfecho, de que fim, de que forma, qual é o ápice de um episódio de cinquenta minutos, como aquilo se organiza etc. Estes roteiristas têm um problema sério, que às vezes você se defronta com um roteiro que tem uma série de bons elementos, mas que simplesmente falta uma técnica básica pra juntá-los; e do outro lado você tem pessoas que saem de escolas, sobretudo americanas (que são ótimas), tipo UCLA,<sup>6</sup> mas aí completamente

---

6 Universidade da Califórnia, fundada em 1919 em Los Angeles, considerada uma das melhores universidades do mundo.

tomados pelas necessidade formais e que, portanto, produzem roteiros que são chatos, porém conformes. Essa é uma questão muito antiga, no que concerne a qualquer expressão artística, que é o fato de que existe um lugar onde a obra funciona e que não é as convenções, mas sim as regras para escrevê-la.

Agora, há uma regra absoluta, que é a seguinte: eu acho que a gente não deve, não pode, é severamente proibido procurar meios de expressão artística dos quais a gente não usufrui. Então se você não escuta piano, você por favor não toque piano. Se você não escuta cantores, se você não gosta de Elton John, por exemplo, então não faça isso. Não tem por que você tocar e cantar piano se você não pode escutar Elton John, que é o protótipo de alguém que canta e toca piano. Tem pessoas que querem escrever cinema, mas que não gostam de cinema. Então, o primeiro requisito é que você tem que amar aquilo. E não é tanto “tem que ter uma cultura cinematográfica”. Isso não importa, você pode até ter uma cultura de filme B. Nunca ter ido para a cinemateca, não saber quem era Eisenstein, nem os impressionistas alemães. Não tem importância, mas você tem que ser um cara que adora sentar na frente da tela de um cinema ou de uma televisão. Por exemplo, para você escrever um seriado, você precisa ter visto muito seriado. E não é para imitar. Primeiro, se você não gosta daquilo, para que querer criar mais um? Qual é a razão?

Um pintor que não vai em museu ou não vai em galerias não vai funcionar, pois cada uma destas expressões artísticas dialoga de maneira afirmativa ou negativa; ou pode dialogar também de maneira completamente revolucionária, mas ainda assim dialoga com sua tradição própria. Então eu não posso fazer um seriado como o *Psi* sem pensar que o *Psi* dialoga com todos os seriados procedurais, que seja *House* ou *Sex in the city*. Dialoga mais com esse do que com seriados não procedurais como *Os Sopranos*, mas enfim, eu acho que vi todos estes seriados. Não porque comecei escrever, mas sim porque sou um espectador de uma vida.

**Resumo:** O texto apresenta uma entrevista com o psicanalista e escritor Contardo Calligaris, roteirista do seriado *Psi*, produzido pela HBO, e autor dos romances *O conto do amor e A mulher de vermelho e branco*. Dramaturgo e autor de diversos ensaios sobre psicanálise, Contardo nos apresenta o relato dos anos de formação com Roland Barthes, bem como as particularidades do processo de escrita de suas obras. Oferecendo ao leitor um interessante balanço acerca de seu projeto de “tornar-se artista”, o entrevistado mostra que sua trajetória é marcada por um vir-a-ser fundamental no processo de aprender a formar-se.

**Palavras-chave:** Calligaris, seriado, escrita, Barthes, formação.

### **Spectator of a lifetime: interview with Contardo Calligaris**

**Abstract:** The text presents an interview with psychoanalyst and writer Contardo Calligaris, writer of the series *Psi* produced by HBO and the author of the novels *The tale of love* and *The woman in red and white*. Playwright and author of several essays on psychoanalysis, Contardo presents the story of his formative years with Roland Barthes as well as the peculiarities of the writing process of his works. Offering the reader an interesting balance about his project on “becoming an artist”, the interviewee shows that his life story is marked by a fundamental coming-to-be in the process of personal formation.

**Keywords:** Calligaris, series, writing, Barthes, formation.

Recebido em 19/07/2016

Aprovado em 09/09/2016